



A Santa Sé

**MENSAGEM DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II AO
CARDEAL EDWARD IDRIS CASSIDY
POR OCASIÃO DO XIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA
COMUNIDADE DE SANTO EGÍDIO**

*Ao Venerado Irmão EDWARD IDRIS Card. CASSIDY
Presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos*

É-me particularmente grato confiar-lhe, Senhor Cardeal, a tarefa de transmitir a expressão da minha estima e saudação aos ilustres Representantes das Igrejas e Comunidades cristãs e das outras Religiões mundiais, congregados este ano em Lisboa, por ocasião do XIII Encontro internacional sobre o tema: "Oceanos de paz. Religiões e culturas em diálogo".

O meu pensamento volta ao ano de 1986, quando pela primeira vez homens e mulheres de diferentes religiões se encontraram em conjunto para invocar a paz de Deus precisamente na colina de Assis, assinalada pelo testemunho de São Francisco. Aquele evento não podia permanecer isolado. Com efeito, ele foi portador de uma força espiritual arrebatadora: tratava-se como que de uma nascente de onde começavam a jorrar novas energias de paz. Por isso, desejei que o "espírito de Assis" não se extinguisse, mas pudesse difundir-se pelo mundo inteiro, suscitando em todas as partes novas testemunhas de paz e de diálogo. Este mundo, caracterizado por inumeráveis conflitos, incompreensões e preconceitos, tem efectivamente extrema necessidade de paz e de diálogo.

Portanto, gostaria de agradecer de maneira particular à Comunidade de Santo Egídio o entusiasmo e a coragem espiritual com que soube captar a mensagem de Assis e levá-la a inúmeros lugares do mundo, através dos encontros de homens de diversas religiões. Recordo-me do Encontro em Bucareste, em 1998, que teve muito eco na Roménia, onde durante a minha Visita apostólica ouvi o brado insistentemente reiterado pela população: "Unitate! Unitate!". Sim, estimados Irmãos e Irmãs, aquela unidade permanece para nós um compromisso prioritário.

Olhemos com esperança para o século que teve início, para que como escrevi na *Ut unum sint!* "a longa história dos cristãos, assinalada por multiplas fragmentações, parece recompor-se, tendendo para a Fonte da sua unidade, que é Jesus Cristo" (n. 22).

Estou persuadido de que o "espírito de Assis" constitui uma dádiva providencial para o nosso tempo. Na diversidade das expressões religiosas, lealmente reconhecidas como tais, o facto de estarem uns ao lado dos outros manifesta também visivelmente a aspiração da família humana à unidade. Todos nós devemos caminhar rumo a esta única meta. Recordo que no Concílio Vaticano II, quando era um jovem Bispo, também eu subscrevi a Declaração *Nostra aetate*, com a qual teve início uma rica relação entre a Igreja católica, o Hebraísmo, o Islão e as outras Religiões. Essa Declaração conciliar afirma que a Igreja, "na sua missão de promover a unidade e a caridade entre os homens, e mais ainda, entre os povos, considera aqui em primeiro lugar aquilo que os homens têm em comum e que os conduz à solidariedade mútua" (n. 1).

Tanto o diálogo entre as religiões como as suas iniciativas devem tender para isto. Hoje, graças a Deus, este diálogo já não é só um auspício; ele tornou-se uma realidade, não obstante ainda seja longo o caminho que se nos apresenta. Como deixar de dar graças ao Senhor pelo dom desta abertura recíproca, a qual é como que o prelúdio para uma compreensão mais profunda entre Igreja católica e Hebraísmo, precisamente enquanto conservo tão vivas as recodações da minha inesquecível peregrinação na Terra Santa? Mas também o encontro com o Islão, com as Religiões orientais e com as grandes culturas do mundo contemporâneo deram frutos significativos. No início do novo milénio, não devemos diminuir o nosso passo mas, ao contrário, é necessário imprimir uma maior aceleração a este caminho promissor.

Bem sabeis que o diálogo não ignora as diferenças concretas, nem cancela a comum condição de peregrinos rumo a novas terras e novos céus. E o diálogo exorta todos a robustecerem também aquela amizade que não separa e não confunde. Todos nós devemos ser mais audazes ao longo deste caminho, a fim de que os homens e as mulheres deste nosso mundo, independentemente do povo ou do credo a que pertencem, possam descobrir-se filhos do único Deus e irmãos e irmãs uns dos outros.

Hoje encontrais-vos em Lisboa, na costa do Oceano Atlântico, e o vosso olhar estende-se rumo aos povos e às culturas do mundo inteiro. Lisboa constitui a primeira etapa do vosso caminho comum neste século. Por isso, obrigado Senhor Patriarca José da Cruz Policarpo, por ter hospedado esta peregrinação com toda a sua Igreja. Em Vossa Excelência saúdo os Coirmãos no Episcopado e todo o querido Povo português, que tive a ocasião de encontrar na minha recente peregrinação a Fátima.

Muitos são os problemas que se apresentam no horizonte do mundo. Contudo, a humanidade está em busca de novos equilíbrios de paz: "Portanto, é necessário e urgente como eu escrevia aos participantes no Encontro "Homens e Religiões", realizado em Milão em 1993 reencontrar o

gosto e a vontade de caminhar em conjunto para construir um mundo mais solidário, ultrapassando interesses particulares de grupo, de etnia e de nacionalidade. A este propósito, como é importante a tarefa que as religiões podem desempenhar! Pobres em recursos humanos, elas são ricas daquela aspiração universal que encontra a própria raiz na relação sincera com Deus" (*Insegnamenti*, vol. XVI/2, 1993, pág. 778).

Ao confiar-lhe, Senhor Cardeal Edward Idris Cassidy, esta Mensagem aos participantes no Encontro de Lisboa, a quem renovo a minha cordial saudação, invoco sobre todos os presentes as bênçãos de Deus Onnipotente. Com a sua ajuda, oxalá os homens e as mulheres de cada povo da terra perseverem com renovada decisão ao longo do caminho da paz e da compreensão recíproca.

Vaticano, 21 de Setembro de 2000.